

FERNANDO PESSOA LEITOR DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

MARIA HELENA NERY GARCEZ
Universidade de São Paulo, São Paulo.

Diante do tema que me propus tratar, a primeira atitude que se impõe é a de sua delimitação. Esclareço, desde o início, que não pretendo exaurir todas as suas virtualidades (seria isto possível?) nem, ao menos, dar conta de muitas dentre elas; pretendo apenas levantar uma hipótese interpretativa acerca de um dos heterônimos, Alberto Caeiro, a partir de algumas relações que se podem estabelecer entre sua poesia e a do autor de **Dispersão**.

Quero, não obstante o posicionamento que assumi, alertar para as ricas possibilidades de trabalhos que podem ser feitos a partir do que nos resta da correspondência entre Fernando Pessoa e seu companheiro na aventura Orpheu. Quero, ainda, justificar a escolha do ângulo pelo qual verei Pessoa enquanto leitor de Mário de Sá-Carneiro, o que passo imediatamente a fazer.

Desde há muito, chamou-me a atenção o trecho da conhecida carta em que Fernando Pessoa, ao revelar a Adolfo Casais Monteiro a gênese dos heterônimos, afirma a um dado momento: "(...) lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro - de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistiria - foi em 8 de Março de 1914 - acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever (...)"¹ Curiosamente, muitas das informações que li naquela carta esqueceram-me e delas só me recordava quando a relia, mas esta asserção de Pessoa tornou-se-me inesquecível. Nela, o poeta de **Mensagem**, como quem não dissesse nada de muito importante, oferecia-nos uma sugestiva pista a respeito do processo de criação da persona chave do jogo heteronímico. Uma pista que desembocava no atraente âmbito das relações intertextuais. A máscara Alberto Caeiro, na sua gênese, estava ligada a Mário de Sá-Carneiro e, como é óbvio, à obra literária deste último.

Mais correto seria dizer: ligada não só a ele, mas também. Não só e nem, talvez, principalmente; como em outros trabalhos dediquei-me a analisar, a figura do Mestre insere-se na tradição da poesia da Natureza e, nos estudos realizados, pude verificar o quanto a criação Alberto Caeiro estava concebida num diálogo vigoroso (polêmico ou não) com algumas figuras exponenciais da referida tradição (Lucrecio, S. Francisco de Assis e, no âmbito português, António Nobre).

Mas Sá-Carneiro também entrou como uma coordenada fundamental na gênese do heterônimo Alberto Caeiro e o longo e polêmico ensinamento que o Mestre desenvolve nas três partes de sua obra, mas principalmente, talvez, nos trinta e tantos primeiros poemas, escritos "a fio", como que em "êxtase" (cf. Carta a Adol-

fo Casais Monteiro), constituem uma espécie de contraponto aos textos do poeta de "Quase".

Se tivermos em conta a data que Pessoa assinala para o irrupção dos primeiros textos do "poeta bucólico de espécie complicada", 8 de março de 1914, e a relacionarmos a Sá-Carneiro, veremos que este, por ocasião do "dia triunfal", se encontrava na mãe-pátria, muito provavelmente em Lisboa, já tinha no prelo o conjunto **Dispersão**, a narrativa **A Confissão de Lúcio**, e havia composto várias novelas de **Céu em Fogo** bem como meia dúzia de poemas dos **Indícios de Oiro**. É importante lembrar que Fernando Pessoa conhecia a obra de Sá-Carneiro como ninguém pois, como a correspondência abundantemente o demonstra, até poderíamos dizer que participou no seu processo criativo, com numerosos incentivos, críticas e sugestões.

Ora, este assíduo contato entre os dois poetas e suas respectivas obras, se foi fecundo para Mário de Sá-Carneiro, o foi também para Fernando Pessoa que, refletindo acerca da arte do amigo, buscou e concebeu uma criação para fazer-lhe uma "partida". Indago, no entanto: seria Alberto Caeiro precisamente isso, uma "partida" a Sá-Carneiro? Para responder, adentremos em alguns aspectos dos respectivos universos poéticos.

Atentemos, em primeiro lugar, para o fato de que Pessoa caracteriza a criação que buscava inventar, como um "poeta bucólico de espécie complicada". Deixando, por ora, de lado o "de espécie complicada" e concentrando-nos no núcleo da oração, vemos que aí está a primeira grande oposição que Pessoa quer apresentar ao companheiro predileto. Alberto Caeiro está nos antípodas de Mário de Sá-Carneiro, poeta visceralmente urbano, deslumbrado pela megápole de então, Paris. É a esse cantor da "vie factice", dos bulevares, dos cafés, dos ambientes aristocráticos e preferencialmente fechados (salas de castelos, salões de palácios) que Fernando Pessoa apresenta o "guardador de rebanhos" que vive praticamente ao ar livre, no ambiente rural e cuja paixão dominante é a Natureza. Da correspondência entre os dois poetas de Orpheu podemos deduzir que o impacto sobre Mário de Sá-Carneiro deve ter sido grande e a impressão que se tem é a de que o poeta de **Mensagem** desejava guardar um certo segredo, ou melhor, uma atitude discreta, a respeito da criação heteronímica, principalmente quanto a Alberto Caeiro, cuidando ciosamente de apresentá-lo apenas a alguns seletos componentes do meio intelectual em que se movia. Nas primeiras cartas escritas por Sá-Carneiro depois de seu retorno a Paris, três meses passados sobre o surgimento do Mestre, encontramos: "Saudades ao nosso Alberto Caeiro.(...) "(Paris, 15/6/1914), "Sossegue. Não inicie Pacheco, Caeiro." (Paris, 23/6/1914), "-É claro que teria sido melhor não falar do Caeiro, ao Lopes. Mas o que não tem remédio, remediado está! Nunca devemos ter confiança com quem "não é dos nossos", não nos compreende... Por mim, confio-me a toda a gente. Logo..." (Paris,13/7/1914)²

É natural que a "iniciação" em Caeiro, termo usado pelo próprio Mário, o tivesse apanhado desprevenido e ainda lhe causasse estranhamento. Veja-se a observação da carta de 27/6/1914: "embora ache justo, confesso-lhe que tenho pena que o Caeiro não entre para o paulismo."³ Desta observação se depreende que ele ainda não havia assimilado perfeitamente o heterônimo que o amigo havia criado pensando nele. É natural, dizia, pois a um Sá-Carneiro que, de positivo acerca de seu próprio eu, somente parece conhecer a sua condição de artista e que se manifesta como labirinto, dispersão e ansiosa busca de sua própria identidade, Pessoa revela seu poeta "bucólico", que não só aparenta estar em plena posse de si mesmo, como também ter segurança para dar e vender, já que ele nada mais busca (afirma já ter alcançado), mas oferece aos demais os bens de que desfruta e, dentre

eles o maior, a sua plácida sabedoria. O problema da própria identidade, que tanto angustia o eu lírico de Mário de Sá-Carneiro, não existe para Alberto Caeiro. Se este multiplica as apresentações de si mesmo não é porque não se conheça e se busque mas justamente pelo contrário. A criação Alberto Caeiro, sob este aspecto, participa do modo épico, pois se goza de tão plena estabilidade interior é porque está no gozo da superior sabedoria de quem saiu experiente de um grande combate travado e vencido: no caso, o combate do conhecer e do auto-conhecer-se.

Evoquemos os poemas de abertura de **Dispersão** e de **O Guardador de Rebanhos**. Enquanto em "Partida", apesar de haver o entusiasmo pela condição de ser poeta, há também uma espécie de dilaceramento interior pelo conflito entre a vida "humana" que o eu lírico vê escoar-se e a vida do artista, que ele altivamente concebe como a de um criador de irrealidades, no poema I de **O Guardador de Rebanhos** não há exaltação alguma: há uma tomada de posições extremamente ponderada e contida, cujo resultado é o surgimento de um modelo, exibido à maneira de um manequim numa vitrine, para ser visto, admirado e copiado (ou consumido). Se, em "Partida", há o desprezo pela vida e pela natureza e uma ufanía diante da tarefa do poeta que deve transcender os limites da realidade quotidiana e dispor-se a tarefas sobre-humanas, podemos observar que, contrapontisticamente, em seu primeiro poema, Alberto Caeiro faz questão de não supervalorizar sua condição de poeta. Apresenta-se como um modo conatural de seu ser-para-si e não como um modo de ser-para-os-outros. Citaremos, à guisa de exemplo, uma estrofe de cada poema mencionado, tão representativas do já afirmado que dispensam maiores considerações:

"(...) A vida, a natureza,
Que são para o artista? Coisa alguma.
O que devemos é saltar na bruma,
Correr no azul à busca da beleza."

"Não tenho ambições nem desejos
Ser poeta não é uma ambição minha
É a minha maneira de estar sozinho."⁴

De um certo modo, cada poema de Alberto Caeiro pode ser considerado programático, não podendo esta função ser atribuída unicamente ao primeiro; no entanto, podemos afirmar que no primeiro ele se auto-apresenta em seus traços fundamentais: poeta por maneira de ser, não por ambição, que decididamente opta pela Natureza, goza da serenidade de uma completude ontológica e que, relativamente aos seus leitores, está presente como sustentáculo ou apoio do lúdico (versos finais do poema I).

Se, por hipótese, fosse possível ler este primeiro texto Caeiro "isoladamente", seriam essas as noções que assimilaríamos acerca do "poeta bucólico de espécie complicada". Lendo-o, porém, intertextualmente, tendo em conta a obra do poeta para quem nos é dito que ele foi criado e apresentado como uma "partida", poderemos ou deveremos concebê-lo em oposição ao modelo que temos em "Partida": o do artista que ambiciona ardentemente sê-lo, que opta pela rejeição da Natureza ou, mais radicalmente ainda, pela rejeição do Real, que está às voltas com uma incompletude ontológica tal que o torna protótipo de ansiedade e de insatisfação, que não convida seus leitores ao lazer, ao descanso no lúdico, pois, pelo contrário, o faz partícipe de suas numerosas inquietações e dilaceramentos interiores.

Mas a persona Caeiro, nos dizeres da carta de Pessoa, é um “poeta bucólico de espécie complicada”. Se, por momentos, deixamos de lado esta caracterização, passemos a refletir sobre ela.

O bucolismo de Alberto Caeiro é de espécie complicada, entre outras razões que se possam aduzir, porque em sua poesia não se trata de um relacionamento qualquer com a Natureza, nem o da convenção clássica e neo-clássica, nem o da romântica ou mesmo da simbolista. Trata-se de um relacionamento que se quer novo, que nem é espontâneo nem irrefletido mas que resulta da análise e da rejeição de diversos outros e é fruto de uma atitude singular diante da realidade circundante.

Já sabemos que a tentativa Alberto Caeiro é a do regresso à concepção pessoana de homem primeiro e ao olhar com que este veria a Natureza, ou melhor, cada coisa que existe. Não é, pois, por acaso que o segundo poema do conjunto **O Guardador de Rebanhos** é dedicado ao olhar de Alberto Caeiro. Como é que se deve olhar as coisas? Os versos vão-nos ministrando a receita:

(207) “E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...”

Este “pasma essencial” de quem se sente “nascido a cada momento/para a eterna novidade do Mundo” é um verso impossível no universo Mário de Sá-Carneiro. Se “o poeta do ovo de Colombo”, na denominação do próprio Pessoa, concentra-se todo no olhar e consegue ver cada coisa na sua novidade de cada momento, o poeta de “Quase” é todo dispersão e tédio diante do que considera a “mesmice” (termo jacíntico, mas que calha bem ao poeta de Orpheu) do mundo. A título de exemplo, flagrante, transcrevo um trecho da narrativa “O Homem dos Sonhos”:

“(...)Eu começara amaldiçoando a vida, e, num tom que lhe não era habitual, o meu homem apoiou:

- “Tem razão, muita razão! É uma coisa horrível esta vida - tão horrível que se não pode tornar bela! Olhe um homem que tenha tudo: saúde, dinheiro, glória e amor. É-lhe impossível desejar mais, porque possui tudo quanto de formoso existe. Atingiu a máxima ventura, e é um desgraçado. Pois há lá desgraça maior que a impossibilidade de desejar! ...

“E creia que não é preciso muito para chegarmos a tamanha miséria. A vida, no fundo, contém tão poucas, é tão pouco variada... Olhe, em todos os campos. Diga-me: ainda se não enjoou das comidas que lhe servem desde que nasceu? Enjoou-se, é fatal; (...) Chame os mais belos cozinheiros. Todos lhe darão legumes e carne - meia dúzia de espécies vegetais, meia dúzia de espécies animais. Mesmo, na terra, o que não for animal ou vegetal é sem dúvida mineral... Eis o que demonstra bem a penúria inconcebível da Natureza!

(...)

Viajar é viver o movimento. Mas, ao cabo de pouco viajarmos, a mesma sensação da monotonidade terrestre nos assalta, bocejantemente nos assalta. Por toda a banda o mesmo cenário, os mesmos acessórios: montanhas ou planícies, ma-

res ou pradarias e florestas - as mesmas cores(...) Eu tive um amigo que se suicidou por lhe ser impossível conhecer outras cores, outras paisagens, além das que existem. (...)”⁵

O contraponto que Alberto Caeiro é à personagem de Sá-Carneiro realmente salta à vista. Deixando de lado, por ex., que o heterônimo bucólico jamais empregaria um vocábulo como “espécie”, a personagem de Sá-Carneiro amaldiçoa a vida (atitude radicalmente impossível no heterônimo Mestre, que se regozija com ela), considera “a impossibilidade de desejar” como a maior desgraça (“não tenho ambições nem desejos”, consta no primeiro poema Caeiro), deplora a “penúria inconcebível da Natureza”, a mesmice, a alude ao amigo que se suicidara pela impossibilidade de conhecer algo de novo (“sinto-me nascido a cada momento/para a eterna novidade do Mundo...”).

A realidade só é decepcionante quando não se sabe olhar para ela, é a grande lição do guardador de rebanhos ao sonhador de “Asas”.

Enquanto o olhar de Mário de Sá-Carneiro é o de um espectador (“Meus Boulevards de Europa e beijos/Onde fui só um espectador...” - poema “Elegia”), o olhar Caeiro integra, compromete com a realidade, sem antropomorfizá-la nem atribuir-lhe elementos próprios de sujeito que a vê. Nenhuma nostalgia de fundir-se com o objeto que vê se encontra em Alberto Caeiro. Ora, quando Sá-Carneiro afirma que é “espectador”, afirma nostalgicamente, vivenciando dolorosamente o que já chamamos de sua incompletude ontológica: o próprio verso citado serve ainda como exemplo pois o advérbio “só” é eloqüente. Sem dúvida alguma, o eu lírico deplora o não ter sido um ator nos “Boulevards de Europa e beijos”, sua passividade e inação. Seu contemplar não lhe basta mas veremos, nas lições de Mestre Caeiro, que isso se deve à sua maneira de contemplar.

A um leitor atento fica patente que, se Alberto Caeiro se contenta apenas com olhar a realidade é porque não vivencia nem concebe seu olhar como passividade, inação, ou, melhor ainda, não participação na realidade. O heterônimo bucólico considera que age principalmente porque seu olhar purificado é capaz de ver a verdadeira realidade, cada coisa existindo independentemente dele e ele existindo entre as coisas. Para “o poeta do ovo de Colombo” não há outra ação superior a de ver, não há outra intervenção na realidade mais adequada ao ser humano e é por isso que diz, no poema (276): “Sou fácil de definir. / Vi como um danado.”

Mário de Sá-Carneiro deplora sua condição de espectador porque, ao não saber ver, não participa da realidade e fica às voltas com sua mórbida insatisfação. Seu olhar está de tal forma carregado de si próprio que ele é Narciso, prisioneiro do círculo do eu. A realidade, para ele, não é mais que um enorme espelho: “A sala do castelo é deserta e espelhada.” (“Epígrafe”). Quando, na segunda das “Sete Canções de Declínio” diz: “Quero ser Eu plenamente:

Eu, o possesso do Pasma.”

sabemos que este querer permanecerá na esfera do desejo e não alcançará realização. A esse “posseço do Pasma” o texto Alberto Caeiro responde com a lição do “pasma essencial” (207) que é o de saber ver a “cada momento a eterna novidade do Mundo”, pois “a espantosa realidade das cousas/é a minha descoberta de todos os dias.”, como nos diz no poema (272). Aliás, esta sabedoria no ver leva-o a descobrir valor em cada coisa que existe: na pedra para a qual olha, no vento que ouve e que merece o verso: “Eu acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.” Seria este verso possível no universo Sá-Carneiro?

Vem a propósito, neste momento, uma reflexão que extrapola o âmbito do poético, mas que sempre me ocorre quando lido com as obras literárias da virada do século XIX para o nosso. Se já uma vez cotejamos o heterônimo bucólico com o

místico S. Francisco de Assis, lembra-me também o interesse de estabelecer um outro cotejo místico, que diferentemente do caso de S. Francisco de Assis, em que havia relações intertextuais, parece constituir apenas uma coincidência. Significativa coincidência, no entanto. O valorizar as pequenas coisas, que constitui uma descoberta poética de Alberto Caeiro nas primeiras décadas do século XX, embora a diferentes títulos, constituiu também um dos eixos do caminho místico de Teresa de Lisieux (1873-1897). Ressaltemos que foi precisamente nas décadas finais do século XIX, e em flagrante oposição à mentalidade dos decadentes finisseculares, cuja "mística" às avessas, como a de Sá-Carneiro, consistia na busca do extraordinário - lembremos a aventura baudelairiana de mergulhar no abismo para encontrar o "novo" -, que Teresa de Lisieux descobre o valor das coisas pequenas e, por este caminho, alcança a infância espiritual. Ora, o caminho ascético Caeiro, ao descobrir a espantosa realidade de cada ser, também desemboca numa atitude de infância, embora seja muito diferente do da mística francesa porque dele está eliminada toda a transcendência. Curiosamente, mais uma vez e por outro caminho, diverso daquele empreendido no estudo das relações intertextuais Caeiro/S. Francisco de Assis, podemos chegar à conclusão que Alberto Caeiro realiza o paradoxo de ser um "místico materialista".

Terminado o parêntese, lembremos que o poeta a quem Fernando Pessoa disse querer apresentar Alberto Caeiro também sofria do segundo "mal do século", o "spleen" baudelairiano. É com justeza que, no poema "Além-Tédio", ele se auto-caracteriza como "doente-de-Novo". Se Alberto Caeiro, por saber ver, não precisa buscar o novo, pois o tem a cada momento diante de si, Sá-Carneiro, aquele que tem como meta encontrar o Novo, aquele que se auto-denomina como "doente-de-Novo", acaba definindo lapidarmente o resultado de sua busca: "-Ai a dor de ser-quase, dor sem fim...-"

Seria possível prosseguir o confronto abordando outros elementos como a imaginação, o mistério ou o sonho em Mário de Sá-Carneiro e em Alberto Caeiro (curioso agora ocorrer-me, no momento em que escrevo os dois nomes em seguida, a semelhança, ao nível fônico, entre Caeiro e Carneiro) mas penso que o que já foi levantado é suficiente para mostrar o fundamental no diálogo que o Mestre estabelece também com aquele companheiro de geração poética. Penso também que é suficiente para responder à minha indagação inicial, levantando outra: Alberto Caeiro seria precisamente uma "partida" ao Sá-Carneiro ou seria uma espécie de **antídoto** que Pessoa lhe oferecia, ao mesmo tempo que o oferecia ao ortônimo ou a Álvaro de Campos, a Bernardo Soares e a todos os "doentes" da virada de século?

O Mestre não teria sido concebido também para, no espaço intertextual, evitar, numa tentativa suprema, o dramático desenlace que já se anunciava no "amigo que se suicidou" da citada frase de "O Homem dos Sonhos"? O termo "partida", empregado por Fernando Pessoa em sua carta a Adolfo Casais Monteiro, não poderia ser lido como um eufemismo para velar o quanto ele se preocupava com o companheiro da aventura órfica e até que ponto tinha chegado na tentativa de abrir-lhe novas perspectivas que, se assimiladas não só literariamente, poderiam constituir saídas para as aporias finisseculares?

NOTAS

1. PESSOA, F. - **Obras em Prosa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar Editora, 1976, p. 96. Carta de 13/1/1935.
2. SÁ-CARNEIRO, M. - **Cartas a Fernando Pessoa**. Vol. I, Lisboa, Ática, 1958, págs. 151, 159 e 175.
3. Idem, ibidem, p. 163.
4. SÁ-CARNEIRO, M. - **Poesias**. Lisboa, Ática, s.d., p. 52
PESSOA, F. - **Obra Poética**. 4ª ed., Rio de Janeiro, Aguilar Ed., 1972, p. 203.
5. SÁ-CARNEIRO, M. - **Céu em Fogo**. Lisboa, Ática, s.d., págs. 157-159.



Fernando Pessoa, sua mãe, seu padrasto e os dois irmãos Luís Miguel e Henriqueta Madalena
(Fotografia tirada cerca de 1902)